

RESENHA

**A SIMPLICIDADE, TAMBÉM, CONSTRÓI CULTURAS E DISTINGUE A
PERSONALIDADE SOCIAL ENTRE GÊNEROS**

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, 1969. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1219?show=full>. Acesso em: 25/08/2020.

Denise Figueiró Mendes¹

Recebido em: 01/10/2020

Aprovado em: 15/12/2020

Qual é o papel do homem e qual é o papel da mulher numa sociedade? Que comportamentos esperamos e desejamos que um homem e uma mulher apresentem? Qual ou quais comportamentos seriam apropriados a ambos? Deveriam estes comportamentos serem, desejavelmente, distintos devido às diferenças entre os gêneros?

Partindo dessas questões, meu propósito é resenhar a grande obra *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas* (1969), escrita pela antropóloga norte-americana Margaret Mead (1901-1978), no qual a autora traz a ideia da simplicidade com que o homem constrói sua cultura e como essa cultura pode enredar segurança e compreensão sobre os papéis dos homens e das mulheres.

Assim, nesta obra, a autora traz como principal propósito descobrir em que grau as diferenças temperamentais entre os sexos são inatas e, em que medida, são culturalmente determinadas; investigando, ainda, os mecanismos educacionais ligados a essas diferenças e o condicionamento das personalidades sociais entre os dois sexos, em sociedades distintas.

¹ Professora Efetiva da Universidade Federal de Roraima/UFRR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PPGCS, da PUC-Minas. ORCID: 0000-0003-4257-8524. E-mail: denise.mendes@ufrr.br.

Seus estudos e observações foram realizadas na ilha da Nova Guiné, nas sociedades dos Arapesh, dos canibais e caçadores de cabeças Mundugumor e dos Tchambuli, no contexto sobre “as atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais” (p. 22-23).

Segundo Mead:

Na divisão do trabalho, no vestuário, nas maneiras, na atividade social e religiosa – às vezes em alguns destes aspectos, outras vezes em todos eles – homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído (p. 24-25).

Além da introdução, a obra está dividida em quatro partes: a primeira é sobre a sociedade dos “Arapesh das montanhas”; a segunda, sobre os “Mundugumor habitantes do rio”; a terceira sobre “os Tchambuli habitantes do lago”; e, na quarta parte, traz os resultados e alguns questionamentos.

Ao iniciar com os Arapesh, observa que existem os Arapesh das montanhas, os Arapesh do litoral e os Arapesh da planície, que trazem modos de vidas e identidades distintas: enquanto os Arapesh das montanhas têm modos de vida simples e suas terras são estéreis, os Arapesh do litoral trazem a alegria e os da planície, o medo. Desta forma, os Arapesh das montanhas importaram alguns modos do povo do litoral, pois creem “de que tudo o que vem do litoral é superior, mais sofisticado, mais bonito...” (p. 36), e que algum dia “vão de alcançar, vão de adquirir uma vida cerimonial e tão alegre e complexa quanto a dos grupos litorâneos” (p. 36), chamando de “dádiva voluntária” as trocas de presentes entre amigos.

Se julgam pertencentes às suas terras, mas não proprietários, sendo estas terras pertencentes aos espíritos: os Marsalais.

Na sociedade dos Arapesh das montanhas, as crianças apresentam valor, e seu crescimento e alimentação são importantes. Tanto o papel do homem, como o da mulher, é material e matriarcal: “uma cultura em que homens e mulheres fazem coisas diferentes pelas mesmas razões...” (p. 41): suprir as necessidades da geração seguinte.

O nascimento de uma criança é uma atividade que eles mantêm cuidados e rituais, desde a fecundação até o nascimento e os pais têm preferência pelo nascimento de um menino; nascendo uma menina, pode ela ser abandonada.

O parto é realizado fora do povoado, pois consideram que o sangue do parto, assim como o menstrual, é perigoso. Após o nascimento, quando do retorno da mulher para o povoado, o pai se junta a mãe e compartilha a tarefa de cuidar do recém-nascido.

O pós-nascimento é marcado por vários rituais que, no caso do homem ser um novo pai, ocorre um processo cerimonial que simboliza a conquista da natureza masculina.

Existe uma divisão do trabalho feminino e masculino, mas, fazer ornamentos e cuidar dos filhos é tarefa de ambos.

A personalidade dos Arapesh é influenciada pela “maneira como a criança é alimentada, posta a dormir, disciplinada, ensinada a ter autocontrole, acariciada, punida e encorajada” (p. 63-64); e a criança “cresce com um senso de segurança emocional baseado no cuidado alheio...” (p. 70).

A forma com que as crianças zangadas são estimuladas a descarregar a sua raiva é um treinamento cuja finalidade tem não de “ensiná-las a controlar a emoção, mas cuidar que sua manifestação não prejudique outra pessoa além delas próprias” (p. 71); existindo uma diferença entre os sexos, donde as meninas aprendem a controlar seus ataques de raiva e de choro mais cedo do que os meninos.

Desconhecem a violência e a guerra e não brincam de nada que possa estimular e encorajar a agressividade e a competição.

Outra diferença entre os sexos, observada pela autora, é sobre a vida em grupo: as meninas se veem quando ocorre uma colheita, enquanto os meninos em festas e cerimônias.

A personalidade de um Arapesh é formada quando a criança atinge os sete ou oito anos e, ao alcançarem a puberdade, os meninos passam pelo culto do Tamberan – “patrono sobrenatural dos homens adultos da tribo...” (p. 83), do qual mulheres e crianças não-iniciadas não podem participar. Esse ritual é feito na aldeia donde essas crianças e mulheres devem se ausentar, para depois serem chamadas de volta, não sendo para elas, uma situação de exclusão ou de inferioridade, apenas não é considerado algo que seria seguro para elas – uma “aceitação passiva do que é considerado sua única segurança na vida” (p. 89).

A escolha de uma esposa é feita pelo pai, para seus filhos, onde se escolhe meninas entre seis e dez anos e os filhos assumem a criação de sua esposa, que é

selecionada pelos seus atributos e, de preferência, que more próxima ou numa aldeia vizinha e que tenha muitos irmãos, como forma e “oportunidade de aumentar o cálido círculo familiar, dentro do qual os seus descendentes podem viver com maior segurança do que eles próprios viveram” (p. 99).

Já o crescimento e o noivado de uma menina são marcados pela mudança para a casa do noivo e, ao ocorrer a primeira menstruação, inicia-se todo um ritual marcando a cerimônia do casamento entre os jovens. A mudança da menina para a casa do noivo antes do casamento propriamente dito, e que ocorre após anos de convivência, faz com que ambos estejam seguros e salvos de feitiçarias.

Repudiam a paixão, e a sedução é impetrada à mulher – “É o amor conhecido, domesticado, que o Arapesh deseja, o amor ligado ao alimento dado e recebido, aos vários anos dormidos na mesma aldeia” (p. 115).

No casamento, pressupõem a monogamia, mas permitem a poligamia em algumas condições, como por exemplo, a morte do marido, tendo a viúva que casar-se novamente, dentro do clã do marido. A esposa, a “verdadeira”, é consultada e tratada com muita honra; e, a outra esposa, “a viúva”, entra na casa “como uma cunhada desolada e já amada” (p. 120). A relação entre as duas mulheres é agradável e afetiva, permanecendo sempre juntas, se chamando de “Megan”.

Na sociedade Arapesh, qualquer comportamento e temperamentos aberrantes e violentos são vistos como desviantes daquela cultura, sendo vistos como feitiçaria colocada por outra sociedade.

Após sua experiência com os gentis Arapesh, Mead passa a conviver com um grupo de canibais e caçadores de cabeça: os Mungugumor.

Ao estudar os Mundugumor, observou que se dividiam em dois grupos: um que vivia próximo ao rio Yuat, e outro que não se habituou ao rio. Falavam a mesma língua, mas “não mais se sentem como um mesmo povo; a vida do rio os dividiu” (p. 171). Eram livres para se comerem mutuamente e o casamento entre os dois grupos era indesejável.

Os homens Mundugumor se reúnem pouco para conversas, sendo as mulheres as que mais se juntam em grupos de conversas e as crianças são treinadas para não se sentirem à vontade com a presença de parentes.

A organização social “se baseia na teoria de que existe uma hostilidade natural entre todos os membros do mesmo sexo, e na suposição de que os únicos laços possíveis entre os membros do mesmo sexo passam através de membros do sexo oposto” (p. 178). Essa forma de organização é chamada de “corda”, composta de um homem, suas filhas, os filhos das filhas e as filhas dos filhos de suas filhas, sendo o filho e seu pai não pertencentes a mesma “corda”.

As filhas devem lealdade ao pai, e os filhos, à mãe; e, entre os irmãos, a atitude é de rivalidade e desconfiança – “Pais e filhos são separados por uma hostilidade cedo desenvolvida e socialmente mantida” (p. 178).

O ideal social é que o homem tenha de oito a dez esposas – “um grande número de esposas significa riqueza e poder” (p. 179), significando, esse ideal de poder, conflito inevitável entre irmãos. “Os irmãos possuem direito de preempção sobre as irmãs e são treinados pelas mães a apreciá-lo em seu pleno valor” (p. 179).

Já a filha é propriedade do pai e pertencente à sua “corda”, daí a rivalidade entre filhos e pais que podem usar a filha e irmã como troca por uma esposa. Por outro lado, “a mãe gostaria de ver a filha fora do caminho e, no lugar dela, a nora que viverá em sua casa e permanecerá sob seu controle...” (p. 180).

A sociedade Mundugumor é uma sociedade totalmente individualista. “O menino Mundugumor nasce num mundo hostil, mundo onde a maioria dos membros do seu próprio sexo serão seus inimigos...” (p. 189).

A gravidez não é bem vista e desejada pelos homens e nem pelas mulheres; a mulher, ao engravidar, é amaldiçoada pelo homem que, geralmente, procura por outra, abandonando a esposa. Isso faz com que a mulher grávida indeseje a criança que está a nascer. A mãe prefere um filho, o pai, uma filha. O primeiro filho, sendo do sexo masculino, pode ser preservado ou morto; e, o homem, ao abandonar a esposa na gravidez, dá oportunidade de o filho sobreviver, já que não estará presente para ordenar que o mate.

Os fatores responsáveis pelo aumento da população Mundugumor são a preservação da primeira criança, a manutenção de outros filhos, o nascimento de gêmeos e a adoção.

O ato de amamentar é “mais caracterizado pelo ódio do que pela afeição e segurança” (p. 195); e o desmame é acompanhado de pancadas e repelidas pelas mães.

As relações entre os Mundugumor são fixas e formais, de acusações, hostilidades, friezas e insultos, e, mesmo com diferenças de tratamento entre meninas e meninos, o temperamento de ambos não diferem: são igualmente violentas, agressivas e ciumentas.

Os encontros entre os jovens são marcados por violentas mordidas e arranhões, “calculado para produzir a máxima excitação no menor período de tempo” (p. 211).

As moças podem ter muitas aventuras antes de se casarem, mas não podem ser descobertas, pois “os Mundugumor dão valor à virgindade e suas filhas e noivas” (p. 211).

Os meninos utilizam os mosquiteiros como forma de isolamento e “todas as ideias de segredo, dissimulação, orgulho ferido, lágrimas, raiva ou delinquência sexual centralizam-se neles” (p. 212).

Na sociedade Mundugumor, porém, também existem os “desajustados”: aqueles que são dóceis, cooperativos, sensíveis e acolhedores, que “não nutrem ambições próprias e contentam-se em desempenhar um papel humilde (...); homens a quem não atraem o orgulho, a violência e a competição” (p. 220). Desta forma, tanto a mulher, quanto o homem Mundugumor dóceis, receptivos, cálidos, maternal ou paternal, sofrem desfavor social.

Já a sociedade Tchambuli é composta por uma pequena tribo que vivem em três aldeias, no qual cada casa abriga de duas a quatro famílias, onde as mulheres se ocupam nas tarefas de cozinhar, trançar, remendar os equipamentos de pesca – uma atividade solidária, de cooperação e de finalidade grupal – diferentemente dos homens, que abrigam-se nas casas cerimoniais e vivem para a arte – “todo homem é um artista e a maioria é hábil não apenas numa arte, porém em várias: na dança, na escultura, no trançado, na pintura etc” (p. 239).

A estrutura da sociedade Tchambuli é patrilinear, existindo a poligamia, sendo organizada em clãs e existindo uma organização dual: povo do Sol ou da Mãe.

O homem Tchambuli se representa como um ator, com uma série de papéis encantadores e suas relações com outros homens são delicadas e difíceis; já as relações entre as mulheres são sólidas e de segurança.

Os meninos, enquanto bebês, são confortados e alimentados pelas mães que atendem todas as suas necessidades; porém, entre oito e doze anos, são escarificados,

não tendo ninguém para confortá-los, ficando longos períodos reclusos, com sentimento de abandono. O banho é o ritual que encerra esse período de reclusão e, a partir daí, espera-se que passem mais tempo na casa dos homens, mas, pela insegurança, ainda se refugiam entre as mulheres. Já as mulheres “permanecem um grupo sólido, de cujo apoio, alimento e afeição depende” os homens (p. 244).

Existe ligação entre um clã e outro, de geração a geração, “tendo os homens de um clã um penhor sobre as mulheres do outro” (p. 244).

“Apesar de haver poligamia e o homem pagar pela esposa... são as mulheres que detêm a verdadeira posição de poder na sociedade” (p. 246), sendo elas as que garantem a alimentação através da pesca e da produção e renda que os traçados mosquiteiros dão, dependendo os homens destas e tendo eles um papel secundário.

“A atitude das mulheres em relação aos homens é de carinhosa, tolerância e estima” (p. 247) e, em relação as outras mulheres é de grande solidariedade, não se metendo em brigas; diferentemente dos homens que se relacionam por disputas, incompreensões, reconciliações, confissões, repúdios etc., entre eles.

Até a idade de seis ou sete anos o menino e a menina são tratados da mesma maneira e nessa idade, enquanto a menina é rapidamente treinada em ofícios manuais e absorvida na vida sóbria e responsável da mulher, ao menino não é dado um treinamento assim adequado a seu futuro papel, sendo ele abandonado.

Com esse breve relato, aqui exposto, sobre a obra da autora e seus estudos na Melanésia, especificamente na Ilha da Nova Guiné, Mead constatou diferenças culturais entre os povos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, onde o condicionamento social durante a primeira infância tem forte influência na idade adulta, tanto do homem quanto da mulher, sendo suas personalidades ostentadas às culturas em que nasceram e foram educados.

Resumidamente, exponho, algumas especificidades dos achados da autora e que indicam diferenças entre essas sociedades:



ARAPESH

- Sociedade cooperativa matriarcal
- A criança do sexo masculino tem mais valor
- Convivência familiar e parental desejada
- Comportamentos desviantes: agressividade e competição

MUNDUGUMOR

- Sociedade individualista patriarcal
- A criança do sexo feminino tem mais valor (valor de troca)
- Convivência familiar e parental indesejada
- Comportamentos desviantes: sensibilidade, cooperação e receptividade

TCHAMBULI

- Mulheres mantêm relações cooperativas entre si; e homens relações delicadas e difíceis
- Sociedade patrilinear
- Valorizam a vida social intrincada e padronizada em cerimônias e danças
- Mulheres são dominadoras e impessoais; os homens são sensíveis e dependentes

Fonte: imagens extraídas da internet: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli.

O homem violento e desajustado entre os Arapesh, seria o líder na sociedade Mundugumor, e a personalidade social dos homens e mulheres Arapesh e Mundugumor são idealmente a mesma – homens e mulheres Arapesh dóceis e suscetíveis, enquanto homens e mulheres Mundugumor são agressivos e violentos; já entre os Tchambuli, suas personalidades se opõem e se completam, idealmente.

A autora traz, ao final, questionamentos que devem ser considerados em se tratando das emoções e sentimentos expressados de formas diferentes, nessas sociedades tão distintas, mas que o processo educacional, desde a infância, molda e tem forte influência no comportamento adulto. Além disso, transparece uma motivação pelo fortalecimento do papel feminino na sociedade Tchambuli, evento que não se apresenta nas sociedades Arapesh e Mundugumor.

REFERÊNCIA

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, 1969. 275 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1219?show=full>
Acesso em: 25/08/2020.